

Índice

Primeira Parte	11
Segunda Parte	191
Agradecimentos	337

E esquecemos porque é preciso.

Matthew Arnold

PRIMEIRA PARTE

Ouçam. Nesta história, as árvores agitam-se, tremem, reajustam-se. Uma brisa sopra de rajada, vinda do mar, e é quase como se as árvores soubessem, na sua inquietação, na impaciência com que sacodem as copas, que alguma coisa está prestes a acontecer.

O jardim encontra-se vazio, o pátio deserto, com exceção de alguns vasos com gerânios e delfínios estremecendo ao vento. Há um banco no relvado, duas cadeiras respeitosamente viradas para o lado contrário. Está uma bicicleta encostada à casa, mas tem os pedais parados, a corrente oleada mas imóvel. Deixaram um bebé a dormir cá fora num carrinho, aninhado no seu firme casulo de mantas, com os olhos obedientemente fechados. Uma gaivota paira suspensa no céu e até ela se mantém em silêncio, de bico fechado e asas estendidas para aproveitar as correntes de ar ascendentes.

A casa fica isolada do resto da aldeia, atrás de uma sebe densa, no cimo de uma falésia. É a fronteira entre o Devon e a Cornualha, onde os dois condados se agacham, vigiando-se um ao outro. Trata-se de um território muito disputado. Não convém observar longamente este solo, impregnado como está do sangue de Celtas, Anglo-Saxões e Romanos, preenchido com o entulho dos seus ossos.

No entanto, isto acontece num tempo de relativa paz para a Grã-Bretanha: um final de verão em meados da década de 1950. Um caminho de gravilha traça uma curva até à porta da frente da casa. Na corda da roupa, saiotos e camisolas interiores, peúgas e esparti-

lhos, fraldas e lenços esvoaçam e contorcem-se ao sabor da brisa. Ouve-se algures um rádio, talvez numa das casas vizinhas, e a pancada surda de um machado a abater-se sobre lenha.

O jardim espera. As árvores esperam. A gaivota, equilibrando-se no céu por cima da roupa lavada, espera. E depois, como se isto fosse um cenário teatral e houvesse um público, a assistir numa escuridão silente, surgem vozes. Os ruídos esmorecem. Alguém grita, outra pessoa berra, alguma coisa pesada cai no chão. A porta das traseiras da casa escancara-se. — Já não aguento! A sério, já não! — guincha esse alguém. A porta das traseiras é fechada com força, retumbantemente, e aparece uma pessoa.

Tem vinte e um anos, fará em breve vinte e dois. Traz um vestido de algodão azul com botões vermelhos. Tem o cabelo preso atrás com um lenço amarelo. Atravessa decididamente o pátio, com um livro na mão. Descalça, desce os degraus e avança pelo relvado. Não repara na gaivota, que se virou no ar para a ver de cima, não repara nas árvores, que sacodem os ramos para anunciar a chegada dela, nem sequer repara no bebé quando passa junto do carrinho, dirigindo-se para um cepo ao fundo do jardim.

Senta-se nesse cepo e, tentando ignorar a raiva que lhe corre nas veias, equilibra o livro no colo e começa a ler. *Morte, não te orgulhes*, são as primeiras palavras, *embora alguns te chamem poderosa e temível*.*

Ela debruça-se sobre a página com uma concentração ansiosa, suspirando e encolhendo os ombros. Depois, sem que nada o fizesse prever, solta um resmoneio súbito e atira o livro para longe. Este cai na relva com um baque abafado, fechando-se com um esvoaçar de páginas. Fica ali esquecido, no meio da relva.

Ela põe-se de pé. Não o faz como toda a gente faria, passando gradualmente da posição sentada para a levantada. Ela salta, estremece, ressalta, parece bater no chão enquanto se levanta, como se, à semelhança de Rumpelstilzchen, o pudesse fender.

* John Donne, *Poemas*, tradução de Maria de Lourdes Guimarães e Fernando Guimarães, Lisboa: Relógio D'Água, 2017, p. 105. (N. T.)

De pé, é imediatamente confrontada com a imagem de um lavrador na estrada, guiando um rebanho de ovelhas, com uma chibata na mão e um cão a correr à sua volta. Essas ovelhas representam tudo aquilo que ela odeia na sua casa: os dorsos desgrenhados e imundos, a estupidez dos rostos entorpecidos, o balido imbecil. Gostaria de as meter todas numa debulhadora, de as atirar da falésia, qualquer coisa, só para se ver livre daquela imagem.

Desvia o olhar das ovelhas, da casa. Mantém apenas o mar no seu campo de visão. Ultimamente tem receado cada vez mais que o seu maior desejo — que a sua vida comece, que ganhe algum sentido, que passe daquele preto e branco desfocado para um tecnicolor glorioso — possa escapar-lhe. Que não seja capaz de o reconhecer se o encontrar, que não consiga alcançá-lo.

Começa a fechar os olhos diante do mar, da presença do livro descartado, quando se ouve o ruído seco de passos na relva e uma voz que diz: — Sandra?

Põe-se bruscamente direita como se tivesse apanhado um choque elétrico. — *Alexandra!* — corrige. É esse o seu nome, o que lhe foi dado ao nascer, mas a mãe decidiu mais tarde que não gostava dele e abreviou-o nas sílabas finais.

— *Alexandra* — repete obedientemente a criança. — A mãe diz: “O que andas a fazer e devias voltar e...”

— *Desaparece!* — grita *Alexandra*. — *Desaparece daqui!* — E regressa, zangada, ao seu cepo, ao livro, à sua análise da Morte e do seu orgulho escusado.

Nesse exato momento, a um quilómetro de distância, *Innes Kent* — com trinta e quatro anos, negociante de arte, crítico, hedonista assumido — ajoelha-se na terra para examinar a parte de baixo do seu carro. Não faz ideia do que procura, mas sente que tem à mesma de procurar. Sempre foi um otimista. O carro é um *MG* prateado e azul-claro; *Innes* prefere-o a quase tudo neste mundo e ele acabou de ficar encalhado na berma desta estrada rural. *Innes* endireita-se. E faz o que costuma fazer na maior parte das situações que o deixam frustrado: acende um cigarro. Experimenta dar um pontapé no pneu, arrependendo-se logo a seguir.

Esteve em St. Ives, a visitar o estúdio de um artista de quem esperava comprar uma obra. Encontrara o artista bastante embriagado e a obra longe de estar concluída. Toda a deslocação tinha sido absolutamente desastrosa. E agora isto. Esmaga o cigarro com o pé e começa a andar pela estrada. Consegue ver um amontoado de casas mais à frente, o muro curvo de um porto de abrigo estendendo-se até ao mar. Alguém há de saber onde fica uma garagem, se é que existem garagens neste fim do mundo.

Alexandra não sabe — não pode saber — da proximidade de Innes Kent. Não sabe que ele vem aí, mais perto a cada segundo que passa, caminhando com os seus sapatos feitos à mão pelas estradas que os separam, a distância entre eles diminuindo a cada passo bem calçado. A vida tal como a virá a conhecer está prestes a começar, mas ela está absorta, por fim, na sua leitura, na luta com a mortalidade de um homem há muito falecido.

Enquanto Innes Kent vira para a estrada dela, Alexandra levanta a cabeça. Pousa de novo o livro no chão, desta vez mais delicadamente, e espreguiça-se, erguendo bem os braços. Enrola uma madeixa de cabelo entre o indicador e o polegar, prende uma margarida entre os dedos dos pés e arranca-a — sempre teve falanges bem ginasticadas; é algo de que se orgulha bastante. Faz isto uma e outra vez até que os oito intervalos entre os seus dedos dos pés seguram o ingénuo olho amarelo de uma margarida.

Innes pára junto a uma brecha numa sebe densa. Espreita por ela. Uma casa de campo bonita, com arbustos, relva, flores, esse género de coisas — um jardim, imagina ele. Depois vê, muito perto, sentada debaixo de uma árvore, uma mulher. A proximidade de uma mulher nunca deixa de suscitar o interesse de Innes.

Este espécime está descalço, com o cabelo preso por um lenço amarelo, deixando-lhe o pescoço à mostra. Innes põe-se em bicos dos pés para ver melhor. Um pescoço que parece uma encantadora coluna, conclui. Se o obrigassem a escrever uma descrição dele, ver-se-ia forçado a utilizar as palavras “escultural” e até “alabastro”, se calhar, que não são termos a que recorra levianamente. Todo o saber de Innes é artístico. Ou talvez “todo o ser” seja uma expressão mais

precisa. A arte não é um saber para Innes. É aquilo que ele respira, o que faz a vida continuar; ele olha e não vê uma árvore, um carro, uma rua, vê uma potencial natureza-morta, vê uma interação de luz, sombra e cor, vê uma arrumação deliberada de objetos escolhidos.

E aquilo que ele vê quando olha para Alexandra, com o seu lenço amarelo e o vestido azul, é uma cena de um fresco. Innes acredita que está a contemplar uma verdadeira madona rural, de perfil, com um traje azul maravilhosamente — pensa ele — justo e o seu bebé adormecido a escassos metros de distância. Fecha um dos olhos e observa a cena, primeiro com um, depois com o outro. É, de facto, uma bela composição, com o relvado liso e a verticalidade da mulher e do seu pescoço a servirem de contraponto à árvore lá no alto. Gostaria de a ver pintada por um dos mestres italianos, talvez por Piero della Francesca ou Andrea del Sarto. Ela até consegue apanhar flores com os dedos dos pés! Que criatura!

Innes sorri para si mesmo, examinando de novo a cena com os dois olhos, quando esta é estilhaçada pela madona, que diz com uma voz clara: — Não sabe que é má educação espiar as pessoas?

A surpresa é tão grande que ele fica momentaneamente sem palavras (algo a que não está habituado) e observa, fascinado, a mulher a levantar-se do seu cepo. A madona de della Francesca metamorfoseia-se diante dos seus próprios olhos numa versão do *Nu descendo a escada* de Marcel Duchamp. Que visão! A mulher descendo na sua direção pelo relvado inclinado ecoa com exatidão o efeito de Duchamp! A fúria dela parece trespassar o próprio ar!

Innes interessara-se recentemente pelos dadaístas, a ponto de há duas noites ter sonhado inteiramente dentro de uma das suas pinturas. “O meu segundo sonho preferido”, na classificação dele. (O primeiro é demasiado gráfico para ser contado.)

— É também — a madona aproxima-se rapidamente dele, de queixo firme e mãos nas ancas, e ele tem de reconhecer que está bastante aliviado por haver entre eles uma sebe — ilegal. Tenho todo o direito de chamar a polícia.

— Lamento — conseguiu ele dizer. — O meu carro. Parece que avariou. Estou à procura de uma garagem.

— E isto parece-lhe uma garagem? — Ao contrário do que ele esperava, a voz dela não é suavizada pelo sotaque do Devon, mas afiada, talhada como um diamante.

— Hum. Não. De maneira nenhuma.

— Muito bem — ela aproxima-se cada vez mais do seu lado da sebe —, então adeus.

Ao dizer isto, Alexandra olha pela primeira vez a sério para o *voyeur*. Tem o cabelo bastante mais comprido do que costuma ver num homem. A camisa, com um colarinho invulgarmente alto, é de um amarelo cor de narciso. O fato cinzento-claro é de bombazina fina, sem lapelas, e a gravata que usa é cor de ovos de pata. Alexandra avança mais dois passos. Narcisos, confirma a sua mente, ovos de pata.

— Não estava a espiar — vai protestando o homem. — Garanto-lhe. Ando à procura de ajuda. Estou num belo sarilho. O meu carro avariou. Por acaso não conhece uma garagem aqui perto? Não quero afastá-la do seu bebé, mas tenho de regressar a Londres quanto antes, pois tenho um prazo a cumprir no jornal. Pesadelo atrás de pesadelo. Ficar-lhe-ei eternamente em dívida por qualquer auxílio que me possa prestar.

Ela pestaneja. Nunca tinha ouvido ninguém falar assim. *Quanto antes, sarilho, prazo a cumprir no jornal, pesadelo atrás de pesadelo, eternamente em dívida*. Gostaria de lhe pedir para repetir tudo aquilo. Mas recorda-se de uma parte específica do discurso. — O bebé não é meu — resmunga. — Não tem nada que ver comigo. É da minha mãe.

— Ah. — O homem inclina a cabeça para o lado. — Não sei se classificaria isso como *nada* que ver consigo.

— Não?

— Não. Devia reconhecê-lo pelo menos como seu irmão.

Há uma breve pausa. Alexandra tenta, sem sucesso, não observar de novo as roupas dele. A camisa, aquela gravata. Narcisos e ovos. — Então é de Londres? — pergunta.

— Sou.

Ela respira fundo. Ajusta o lenço à volta da testa. Observa os pelos no queixo do homem e pergunta-se por que motivo não se terá

ele barbeado. E, insondavelmente, um plano incompleto dela cristaliza-se num desejo definitivo. — Tenciono — afirma — ir viver para Londres também.

— A sério? — O homem começa a vasculhar animadamente os bolsos. Tira deles uma cigarreira verde esmaltada, pega em dois cigarros e oferece-lhe um. Ela tem de se debruçar por cima da sebe para o aceitar.

— Obrigada — diz. Ele acende-lho, protegendo o fósforo com as mãos, e usa depois o mesmo fósforo para o seu próprio cigarro. De perto, pensa Alexandra, ele cheira a brilhantina, *aftershave* e outra coisa. Mas ele recua antes de ela conseguir identificá-la.

— Obrigada — diz de novo, apontando para o cigarro, e começa a fumar.

— E o que está — diz o homem, enquanto abana o fósforo para o apagar e o deita fora —, se é que posso perguntar, a mantê-la por cá?

Ela pensa um pouco. — Nada — responde e ri-se. Porque é verdade. Nada a impede. Acena na direção da casa. — Eles ainda não sabem. E vão opor-se. Mas não me podem impedir.

— É esse o espírito — diz ele, com o fumo a sair-lhe em volutas da boca. — Então quer fugir para a capital?

— Ir — riposta Alexandra, endireitando-se o mais que pode —, não fugir. Não se pode fugir de uma casa que já se deixou. Estive fora, na universidade. — Dá uma passa no seu cigarro, olha de relance para a casa, depois de novo para o homem. — Na verdade, fui expulsa e...

— Da universidade? — interrompe o homem, com o cigarro a meio caminho da boca.

— Sim.

— Que coisa tão dramática. E qual foi o crime?

— Não houve nenhum crime — responde ela, mais acaloradamente do que o necessário, porque toda aquela injustiça ainda a magoa. — Estava a sair de um exame e passei por uma porta reservada a homens. Não me deixam terminar a licenciatura a menos que peça desculpa. Eles — voltou a acenar para a casa — ao princípio nem queriam que eu fosse para a universidade, mas agora deixaram de me falar até que volte lá e peça desculpa.